

SEBASTIÃO DOS SANTOS FILHO

**ACIDENTALIDADE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DE ABATE E
CORTES DE FRANGO**

**Universidade Federal de São Paulo
Escola Paulista de Medicina
São Paulo
2012**

SEBASTIÃO DOS SANTOS FILHO

**ACIDENTALIDADE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DE ABATE E
CORTES DE FRANGO**

Tese apresentada à Escola Paulista de Medicina da
Universidade Federal de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Professora Doutora Rebeca de Souza e
Silva

Coorientador: Professor Doutor Herval Pina Ribeiro

**Universidade Federal de São Paulo
Escola Paulista de Medicina
São Paulo
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA

Filho, Sebastião dos Santos

Acidentalidade do trabalho na indústria de abate e cortes de frango. Sebastião dos Santos Filho – São Paulo, 2012.

v, 53f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva.

Título em inglês: Accidentality work in industry and cuts of chicken slaughter.

1. Reestruturação produtiva e do trabalho; 2. Indústria frigorífica de abate e corte de frangos; 3. Acidentalidade do trabalho; 4. Não notificação do acidente de trabalho; 5. Avicultura.

FOLHA DE APROVAÇÃO



Serviço Público Federal
Universidade Federal de São Paulo
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa



ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO JULGADORA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

Aos dezesseis dias do mês de abril do ano dois mil e doze, reuniu-se no Anfiteatro Ivo Albertoni (Local da CEDESS) às 14:00 horas, a Comissão Julgadora para a DEFESA DE TESE DE DOUTORADO, solicitada por SEBASTIÃO DOS SANTOS FILHO, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em SAÚDE COLETIVA, que apresentou tese sob o Título: ACIDENTALIDADE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DE ABATE E CORTES DE FRANGO.

A referida Comissão esteve constituída pelos Professores Doutores:

Profa. Dra. ANA PAULA LOPES DOS SANTOS - Professora Adjunta - Departamento de Psicologia - Universidade Federal Fluminense;

Prof. Dr. ARIEL ORLEI MICHALOSKI - Professor - Coordenação de Engenharia de Produção - Universidade Tecnológica Federal do Paraná;

Prof. Dr. FRANCISCO ANTONIO DE CASTRO LACAZ - Professor Associado - Departamento de Medicina Preventiva - Universidade Federal de São Paulo;

Prof. Dr. LUIZ HENRIQUE BORGES - Professor Adjunto - Departamento de Saúde Coletiva - Escola de Ciências da Santa Casa de Misericórdia;

Profa. Dra. REBECA DE SOUZA E SILVA - Professora Adjunta - Departamento de Medicina Preventiva - Universidade Federal de São Paulo;

O(a) Presidente Profa. Dra. REBECA DE SOUZA E SILVA, inicia a sessão dando a palavra ao(a) candidato(a), que dispõe de trinta minutos no máximo, para expor sua tese. A seguir dá a palavra aos Professores para a arguição. Cada examinador(a) dispõe de trinta minutos, no máximo, para arguição, bem como o(a) candidato(a) para as respostas. Tendo o(a) candidato(a) respondido todas as arguições em tempo hábil os membros da Banca Examinadora, emitem seus Pareceres.

Prof. Drs.:

ANA PAULA LOPES DOS SANTOS, Aprovado

ARIEL ORLEI MICHALOSKI, Aprovado


FRANCISCO ANTONIO DE CASTRO LACAZ, Aprovado

LUIZ HENRIQUE BORGES, Aprovado

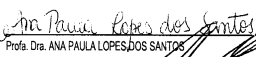
REBECA DE SOUZA E SILVA, Aprovado

Em face dos referidos pareceres, a Comissão Julgadora considera o(a) Sr(a) SEBASTIÃO DOS SANTOS FILHO habilitado(a) a receber o título de DOUTOR EM CIÊNCIAS pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. E por estarem de acordo, assinam a presente ata. São Paulo, segunda-feira, 16 de abril de 2012.


Prof. Dr. ARIEL ORLEI MICHALOSKI


Prof. Dr. FRANCISCO ANTONIO DE CASTRO LACAZ


Prof. Dr. LUIZ HENRIQUE BORGES


Profa. Dra. ANA PAULA LOPES DOS SANTOS


Profa. Dra. REBECA DE SOUZA E SILVA


28/04/12



Serviço Público Federal
Universidade Federal de São Paulo
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa



ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO JULGADORA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

Sugestões e Observações: *deixar em mãos do título a fundamentação sobre a metodologia. O conteúdo por ser mais um e de caráter científico.*

Aruchella, 1. Allan Jay

DEDICATÓRIA

*À memória de meu pai, **SEBASTIÃO DOS SANTOS**, pelo apoio e companheirismo para que eu pudesse estudar, pelo incentivo, pelos conselhos, pela torcida e, principalmente, pelos ensinamentos. Apesar de seus poucos estudos e pessoa muito simples, na vida, agora sei que foi Doutor!*

*À minha mãe, **MARIA ALVES DOS SANTOS**, falecida, pelo carinho e apoio para eu sempre estudar, pelo incentivo, pelos conselhos, pela torcida e, principalmente, pelo amor, grande companheirismo e palavras simples de quem nunca estudou, mas que na vida foi Doutora!*

*À minha esposa **SIMONE CÂNDIDA HITO**, por ter me acompanhado e participado de uma forma especial desta trajetória, mas, principalmente, pela paciência e amizade.*

*Ao meu filho **GABRIEL HITO DOS SANTOS**, por ter acompanhado e participado de forma especial desta trajetória.*

*A família **Hito** que me acolheu.*

Aos meus irmãos, sobrinhos e demais familiares, pelo incentivo para que eu seguisse por este caminho.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Rebeca Souza e Silva, pela oportunidade de tê-la como orientadora.

Ao Professor Doutor Herval Pina Ribeiro, co-orientador, por ajudar-me a conhecer melhor a área da saúde coletiva e trazer-me para discussões mais profundas sobre a determinação social das doenças dos trabalhadores.

Aos trabalhadores dessa escola de medicina e do seu Departamento de Medicina Preventiva, especialmente, a Sandra Fagundes de Paula Silva, pelo profissionalismo e ajuda.

À Gerência Executiva Ponta Grossa do Instituto Nacional do Seguro Social, pela facilitação e intermediação na obtenção dos dados estatísticos.

À Maristela Porto Trindade, Coordenadora da Representação Estadual no Paraná da Assessoria de Planejamento Estratégico e Gestão do Risco, pela colaboração na execução desse projeto.

À Márcia Queiroz, do Instituto Nacional do Seguro Social, por sua colaboração e presteza no fornecimento dos dados dessa instituição que usamos.

À professora Eloíza Matos, pelo brilhante trabalho de revisão do texto.

A todos que supriram minha ausência quando das minhas viagens a São Paulo em decorrência dessa tese ou que de outras maneiras colaboraram para sua concretização.

A todos que, de uma forma ou de outra, colaboraram para a realização deste trabalho.

*A sabedoria não se transmite, é preciso que nós
a descubramos fazendo uma caminhada que ninguém
pode fazer em nosso lugar e que ninguém nos pode evitar,
porque a sabedoria é uma maneira de ver as coisas.*

(Marcel Proust)

RESUMO

Nas sociedades de classe, em particular na advinda com a industrialização, a saúde dos trabalhadores segue os passos de suas reestruturações produtivas e a assimetria das relações sociais dentro e fora do trabalho. Para reforçar a tese da determinação social da saúde das classes, sustentada por muitos pesquisadores, o doutorando tomou o exemplo da acidentalidade que ocorre com a industrialização da carne de frango no Brasil, valendo-se da condição de médico do trabalho de empresas do ramo por quatro anos e de médico perito da Previdência Social. Pôs-se a pesquisar o assunto, começando por levantar os acidentes de trabalho ocorridos no ano de 2005 na unidade de empresa do ramo onde trabalhava quando constatou ter havido entre seus 3405 trabalhadores, 425 acidentes do trabalho, com uma taxa de acidentes anual média de 12,5%, mensal de 35 e diária, de 1.2. Contrariando a tese e esses dados, as comunicações de acidentes de trabalho (CAT) remetidas ao Instituto Nacional de Seguro Social da Previdência Social pelas 2760 unidades das empresas do ramo em atividade no território nacional, entre os anos de 2000 a 2010, inclusive a que trabalhava, teriam ocorrido, de acordo com o Sistema Único de Informações de Benefícios (SUIBE), 2.414 acidentes do trabalho, resultando em uma taxa anual de acidentalidade de 0,16%. Disparidade tão grande de dados apontava haver muito mais que simples sonegação. Com intenção de esclarecê-la, historicamente, contextualizou o desenvolvimento desse ramo industrial, o processo e condições materiais de produção, as exigências do trabalho e os possíveis agravos à saúde dos seus trabalhadores. Daí a inferência que faz sobre a confluência de causas externas, vindas do mundo dos negócios e socialmente mais determinantes, conectadas a causas internas da produção, a compor uma causalidade complexa, não linear, responsável tanto pela existência de acidentes e doenças do trabalho, como pela não comunicação culposa ou dolosa à Previdência.

Palavras-chave: Reestruturação produtiva e do trabalho; Indústria frigorífica de abate e corte de frangos; Acidentalidade do trabalho; Não notificação do acidente de trabalho; Avicultura.

ABSTRACT

In societies divided in classes, particularly after the industrialization process, the health of workers walks on the same pace as their productive restructuring and asymmetry of social relations in and outside work environments. To reinforce the thesis of social determination of health of different classes, supported by many researchers, the PhD candidate has taken the example of the accidentality that occurs with the industrialization of chicken in Brazil, making use of his occupation as a work Doctor of such companies for four years and as an expert doctor in Social Security. He has studied about the subject starting by counting work accidents that happened in the year of 2005 in this kind of company – on an specific one in which he worked at, when he gathered that among his 3,405 workers, 425 work accidents had happened, with an average rate of 12,5% accidents per year – an average of 35 a month and 1.2 a day. Counteracting to the thesis and this data, the reportings of work accident (CAT in portuguese) sent to the National Institute of Social Security by the 2,760 units of the companies in this type of business in national territory, between the years of 2000 and 2010, including the one he worked in, according to the “Singular System of Benefit Information” (SUIBE), 2,414 work accidents would have happened, resulting on an anual rate of 0,16% of accidentality. Such huge disparity of data showed even more than just withholding. With the intention of clarifying that historically, a development in this business was contextualized – the process of production and the condition of tools, the work requirements and the possible health aggravations to the workers. From that the interference it has on the confluence of external causes, derived from the world of business and socially determinant, conected to the internal causes of production, summing up to a complex, non linear causality, responsible for both the existance of work accidents and diseases and the guilty or non guilty reportings to the Social Security.

Keywords: work and production restruturation; chicken slaughter and cut industries; work accidentality; non reporting of work accidents; aviculture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEF – Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango

AT – Acidente de Trabalho

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CAT – Comunicação de Acidente do Trabalho

CID – Código Internacional de Doenças

CNAE – Código Nacional da Atividade Econômica

EUA – Estados Unidos da América

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

LER – Lesões por Esforços Repetitivos

MPS – Ministério da Previdência Social

PCMSO – Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional

PPRA – Programa de Prevenção de Riscos Ambientais

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

SUIBE - Sistema Único de Informações de Benefícios

USDA – United States Department of Agriculture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	Historicidade das estruturas produtivas no modo de produção capitalista, tipo de automação e morbidade populacional.....	23
----------	--	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Comunicações de acidentes de trabalho (CAT) feitos pelas empresas de abate e cortes de frango ao MPS SUIBE, CNAE 1512; no período de 2000 a 2010; População de trabalhadores (PT) Média anual de dias perdidos (MADP); Taxa de acidentalidade anual (TAA) e Produção anual em milhões de toneladas (PAMT).	42
----------	--	----

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	20
1	METODOLOGIA.....	22
	1.1 As relações sociais de trabalho como categoria metodológica de análise.....	22
	1.2 A criação e a industrialização de frango.....	24
	1.3 Mercado, verticalidade e monopolização.....	26
	1.4 A expansão territorial e da influência política das indústrias de frango.....	32
	1.5 A saúde dos trabalhadores na industrialização de frango: vulnerabilidade e morbidez.	34
2	EVIDÊNCIAS, CONFLUÊNCIAS E CONEXÕES.....	40
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

APRESENTAÇÃO

Relata o autor que há dois anos trabalhava como médico do trabalho numa indústria de abate e corte de frangos que tinha em seu quadro de pessoal 3405 trabalhadores em 2005, Naquele ano haviam ocorridos 425 acidentes com uma taxa anual média de 12,5%, mensal de 35 e diária de 1,2 acidentes. Em geral, eram acidentes de pequena e média gravidade que levavam ao afastamento do trabalho por tempo inferior a trinta dias. No entanto, como médico perito do Instituto Nacional de Seguro Social local observou discrepâncias do número de acidentes comunicados pela empresa ao Instituto Nacional de Seguro Social da Previdência¹. Propôs-se então a estudar e elaborar uma tese fundamentada no que entendia ser mera sub-notificação, talvez generalizada nesse ramo industrial.

Mais tarde, ao analisar as notificações dos acidentes comunicados ao Instituto Nacional do Seguro Social feitas por todas as unidades das empresas de abate e corte de frangos do país no decênio de 2000 e 2010, pareceu-lhe cada vez mais evidentes, tratar-se não de simples sub-notificação, mas de uma política comum e articulada. Para espanto do autor nesse decênio teriam ocorridos 2414 acidentes de trabalho, resultando numa taxa anual de acidentalidade apenas de 0,16%!

Para fundamentar empiricamente sua análise recorreu a cientistas que tomam as relações sociais do trabalho nas sociedades de classe como categoria de análise dos fenômenos sociais, como são os de saúde coletiva e dos trabalhadores. Em suma, metodologicamente, sua opção passou a ser histórica, materialista e dialética.

Dá a história e a historicidade que traça desse ramo de indústria, das relações sociais quase servis que adota para com seus trabalhadores, da obsolescência do maquinário que usa e das condições materiais de trabalho e dos seus subseqüentes problemas de saúde.

Para esclarecer essas e outras evidências descreve o autor o processo de produção nesse ramo industrial nas suas diferentes fases: a recepção, abate e corte do frango, os odores emanados dos corpos dos animais abatidos, sangrados, eviscerados, esquartejados; os circuitos que fazem nas correias suspensas (nórias) que os levam às bancadas; o desconforto térmico, a umidade e luminosidade desses ambientes; as características físicas, de gênero e idade dos trabalhadores das diversas secções, suas posturas e movimentos corporais; o ritmo sincrônico e horas a fio de trabalho sem percepção da luz solar e cumpridas quase em sistema de clausura.

¹ A empresa proibiu toda e qualquer divulgação de nome que a identificasse assim como dados estatísticos internos.

Não estranha a vulnerabilidade provocada diretamente por essas condições materiais mórbidas desse trabalho industrial na população de um quarto de milhão de trabalhadores. Ela, apesar da alta rotatividade, vive estados de saúde problemáticos e é vítima de acidentes e doenças típicas e atípicas do trabalho, cuja gravidade e prevalência somente agora tem sido objeto de alguma atenção, entre outros motivos, porque batem às portas do Instituto Nacional de Seguro Social.

Pôde-se, nessa tese, empiricamente hierarquizar essas evidências, contextualizá-las, identificar confluências e conexões, inferir e definir sua causalidade maior e mais complexa, entender melhor uma acidentalidade que nada tem de acidental, como acidental não é sua ocultação.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA

1.1 As relações sociais de trabalho como categoria metodológica de análise

A desestruturação da produção fundiária e o fim da aristocracia foram fenômenos processuais concomitantes ao crescimento industrial alocado nos burgos, assentado, sobretudo, na produção de tecidos de algodão graças à incorporação do tear mecânico cuja apropriação alçou seus donos à condição de classe social hegemônica, logo designada de burguesa, e colocaram os trabalhadores na condição de classe assalariada e subalterna, fenômenos concomitantes historiados e analisados lapidarmente por Marx em *O Capital* (1987).

Foi uma revolução social; não de costumes e de cultura que por certo veio a acontecer, mas de apropriação dos meios e instrumentos de produção e comercialização dos produtos industrializados que, a partir da Europa, ganharam o mundo ocidental e suas colônias, fazendo com que os tecidos quase que assumissem a feição de moeda corrente.

O contrato de trabalho e a República são frutos dessa revolução, cujo cerne continuou a ser a propriedade - agora dos meios de produção industrial - e as relações sociais regulamentadas por um *contrato social*, cujo fundamento passou a ser a remuneração por hora trabalhada. O Estado modernizou-se por isso e para isso, chamando a si o papel de regulador das relações conflituosas entre a classe burguesa e a trabalhadora. Uma das consequências foi à migração para as cidades de ex-escravos e servos à procura de trabalho que passaram a compor um enorme contingente de força de trabalho necessitada e barata (MARX, 1987; HUNT, 1981).

Esta fase, que Marx denominou de acumulação primitiva do capital se arrastou por quase dois séculos e caracterizou-se pela exploração intensiva e extensiva de homens, mulheres e crianças na linha de produção em jornadas que se alongavam por 16 ou mais horas, pela mecanização da produção e pela alta prevalência de doenças infecto contagiosas e carências alimentares múltiplas, dadas às condições miseráveis de vida e trabalho. O quadro 1, auto-explicativo, de Ribeiro (2012), ilustra até os dias atuais a correspondência entre fases ou ciclos do capitalismo industrial, tecnologias, reestruturações produtivas e do trabalho, automação tecnológica e morbidade.

Quadro 1 - Historicidade das estruturas produtivas no modo de produção capitalista, tipo de automação e morbidade populacional.

Período	Ciclos	Automação	Morbidade
Até 1850	Acumulação Primitiva do capital e Exploração extensiva do trabalho	Mecânica	1. Doenças infecto-contagiosas e por carências; 2. Acidentes e doenças do trabalho típicas; 3. Doenças do trabalho atípicas.
1850/1950	Pré-monopolista do capital e exploração mais intensiva do trabalho	Eletromecânica	1. Acidentes e doenças do trabalho típicas; 2. Doenças infecto-contagiosas e por carências; 3. Doenças do trabalho atípicas.
Pós 1950	Monopolista do capital e exploração intensiva e mais controlada do trabalho	Microeletrônica	1. Doenças do trabalho atípicas; 2. Acidentes e doenças do trabalho típicas; 3. Doenças infecto-contagiosas e por carências

Fonte: Ribeiro, HP. *O grito do silêncio: a degradação do trabalho e os estados de saúde da voz*. Relatório de pesquisa. São Paulo: Ministério da Saúde - UNIFESP, (2012).

Nas duas últimas reestruturações produtivas e de reorganização do trabalho, principalmente na derradeira, a aceleração da economia capitalista foi enorme e a concentração do capital contínua, sobretudo a do capital financeiro. Empresas surgiram, cresceram e foram absorvidas pelo grande capital com fusões e incorporações que levaram a uma oligopolização crescente da economia.

As multinacionais expandiram espacialmente sua produção por continentes inteiros, dando lugar a um capitalismo tardio em países onde o nível de exploração da força de trabalho manteve muitas características do trabalho servil. No Brasil, um exemplo disso é a cadeia de criação, produção, abate e corte de frangos, em que os contratos foram flexibilizados ao máximo em favor do principal contratante, facilitando a exploração intensiva da força de trabalho. Conforme Antunes (1998), à dinâmica interna do padrão de acumulação industrial, estruturava-se pela vigência de um processo de super-exploração da força de trabalho, dado pela articulação entre baixos salários, jornada de trabalho prolongada e fortíssima intensidade em seus ritmos.

Entre 1913 e 1923, embora houvesse pequenas empresas de produção de carne de aves em Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro que abasteciam um mercado interno, começaram a fluir investimento de capital inglês e americano. Porém, os maiores

investimentos de capital foram destinados à monopolização da tecnologia genética de reprodução das aves, de produção de vacinas e aperfeiçoamento da ração, favorecendo a integração da criação do frango à cadeia produtiva e do transporte em pé do produto abatido, limpo e congelado. Isso ocorreu na década de 60 quando o capital buscava mais uma alternativa de solução de outra de suas crises, conforme Alves (2000): na pós-grande indústria não desaparece a subordinação material do trabalho ao capital. Ao contrário, se restabelece uma nova oposição entre o indivíduo e o processo material, o que implicaria considerar o surgimento de um novo estranhamento.

O país vivia sob uma ditadura burguesa e militarizada e o governo procurou acelerar o crescimento da economia nacional colocando em ação o II Plano Nacional de Desenvolvimento (1974), cujas metas tinham características de crescimento a qualquer custo, com vistas aos setores de insumos, de bens de capital, modernização e a reorganização da agroindústria (CASTRO & SOUZA, 1985).

No início dos anos 90 o Brasil ainda sofria as consequências do descontrole inflacionário das décadas anteriores com desequilíbrio de sua balança comercial e uma produção industrial nos mesmos patamares dos anos 80. O Plano Real implantado em meados da década deu início à estabilização econômica com baixa inflação, acompanhado da desestatização de empresas e busca frenética de competitividade de produtos primários, abrindo-se para os mercados periféricos. Um jogo sob a insígnia de globalização.

Antunes (2006) descreve a fase da seguinte maneira:

“Foi nos anos 90 que a reestruturação produtiva do capital desenvolveu-se intensamente em nosso país por meio da implantação de vários receituários oriundos da acumulação flexível e do ideário japonês, com a intensificação do learn production, dos sistemas just-in-time e kanban, do processo de qualidade total, das formas de subcontratação e de terceirização da força de trabalho, da transferência de plantas e unidades produtivas, configurando aquilo que, seguindo Juan José Castillo, denomina liofilização organizacional” (ANTUNES, 2006, p. 17-18).

1.2 Criação e industrialização de frango

Existem indícios da existência de espécies de galinhas no território hoje da Índia de 150 milhões de anos atrás², de onde teria migrado para outras terras (LANA, 2000; SALES, 2000). No século XIV a.C. no antigo Egito eram usadas incubadoras aquecidas com estrume

² No Egito, a menção às galinhas data da segunda dinastia. Existem referências no século XIV a.C. Existiu uma hipótese das galinhas terem entrado no Egito brevemente e desaparecido posteriormente.

de camelo, com capacidade de gerar de 10 a 15 mil pintos por vez. Surpreende a complexidade e volume desses criatórios de pintos que consumiam o trabalho de famílias inteiras.

As primeiras naus portuguesas, que aportaram no Brasil em 1500, trouxeram galinhas vivas para alimentar a tripulação. Em 1503, Gonçalo Coelho as trouxe para que se adaptassem e em 1519, Fernão de Magalhães ao chegar ao Rio de Janeiro encontrou um razoável plantel. Nas viagens seguintes vieram galinhas de várias origens que deram lugar a raças híbridas³ (ARASHIRO, 1989). Criadas ao léu, o frango levava, em média, seis meses para atingir o peso de abate, em torno de 2,5 kg.

Por volta de 1860⁴, em Minas Gerais, foram realizadas as primeiras transações de exportação no volume de 40 mil quilos entre aves e ovos; porém, o primeiro grande passo para a industrialização foi dado em 1895 num posto avícola no Rio de Janeiro mantido pela Leste Basse-Cour⁵ onde se procedeu a seleção de espécimes com potencial econômico.

Em 1910, o Brasil exportou 3.213.000 kg e, apesar da constância do aumento da produção, a avicultura nacional continuou tecnologicamente primitiva. Em 1913, a fundação da Sociedade Brasileira de Avicultura serviu de estímulo para que criadores de raças puras montassem aviários nas capitais. Campinas tornou-se importante pólo avicultor ao construir por iniciativa e financiamento públicos o maior criadouro de pintos da época, com capacidade para 6000 cabeças.

Em 1916, o governo federal investiu pesado para instalação da Escola Técnica Avícola em Campinas a fim de incentivar pesquisas sobre alimentação seca das aves à base de milho e soja, iniciativa que colocou esses grãos na pauta agrícola brasileira. Essas inovações tecnológicas na área de alimentação, aliadas à técnica de confinamento e controle do tempo de criação objetivaram a produção de uma espécie de frango com peso maior em menor tempo.

Todavia, havia muitos problemas, entre os quais investidas nada sutis para a monopolização privada do setor, como a concessão em 1912 pelo governo do Rio de Janeiro pra que uma única empresa abatesse de aves, o que gerou vivos protestos⁶.

³ Os dados históricos sobre a criação de galinhas são de Arashiro (1989)

⁴ Pinotti (2006) relata que a avicultura brasileira em São Paulo surgiu na região de Mogi das Cruzes, nos anos 40. Relata ele que no final dos anos 50 houve uma modernização da produção com novas granjas e novos métodos de manejo.

⁵ Arashiro (1989).

⁶ J. Wilson da Costa, produtor da época, refere que “conceder o privilégio será criar um odioso monopólio, cujo resultado influenciará no custo final ao público e ao produtor” (ARASHIRO, 1989, p. 40).

1.3 Mercado, verticalidade e monopolização

A produção nacional de frango ganhou relevância no mercado interno no curso da 2ª Guerra Mundial quando o destino principal da carne vermelha passou a ser as frentes de batalha.

Já na década de 60 os pequenos frigoríficos tinham sido absorvidos pelos maiores, apontando para a verticalização da cadeia produtiva. Trinta anos mais tarde, duas empresas, a Sadia e a Perdigão, detinham 46% da produção e contavam com 108.243 trabalhadores entre as 2760 empresas existentes no país.

Em 1994, as 5 empresas frigoríficas que detinham 34% da produção nacional, em 2006 passaram a deter 40% e 72% das exportações. Em 2003 a produção de frango no Brasil atingiu 7.843 milhões de toneladas, colocando o Brasil na terceira posição na produção mundial de frangos e sedimentando sua posição em primeiro lugar de exportador de carne de frango⁷.

Martins (1996), afirma que a diversificação, a integração vertical e a delegação de tarefas de criação a produtores integrados foram estratégias de monopolização do ramo com apoio do Estado por meio de financiamentos e isenções fiscais para facilitar fusões, procedimentos do Estado que se fizeram acompanhar de instalação de escolas técnicas profissionais para, segundo Rizzi (2004), concentrar a produção nas regiões sul e sudeste do país e o escoamento para o mercado internacional.

A indústria fez seus arranjos internos para racionalizar e reduzir custos e potencializar a venda, como o de capturar os criadores de pintainhos para a cadeia produtiva na condição de fornecedores “autônomos”, embora obrigados entregar os frangos adultos com tempo de maturidade e peso pré-estabelecidos pela empresa. A estratégia, iniciada no Paraná, avançou para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e ganhou recentemente estados do centro-oeste e norte.

Para avançar nas exportações, a indústria construiu uma complexa e diversificada estrutura que inclui abatedouros, frigoríficos, fábricas de enlatados, embutidos de carne e logística de distribuição (MULLER, 1991). Consolidou a produção de alimentos mais sofisticados que cresceu anualmente cerca de 20% e de produtos de consumo popular que cresceu 2% (Gazeta Mercantil, 1979). O financiamento dessa plataforma produtiva veio do BNDES e de Fundo de Pensões que permitiu a instalação de 94 empresas, 80 das quais nas

⁷ ABEF

regiões sul e sudeste. Foi essa expansão que fez saltar a produção de 217 mil toneladas em 1970 para 1 milhão 250 mil na década seguinte (ESPÍNDOLA, 1999), acentuando a tendência à monopolização e exportação.

A demanda criada pelos mercados interno e externo levaram a criar produtos de conveniência (*fast foods*) e de maior apelo de consumo, como os temperados. Com base nesses artefatos, as vendas externas da carne de frango brasileira cresceu em 60% em 5 anos, predominantemente para os países do oriente médio, alguns dos quais, como Arábia Saudita preferem o frango inteiro enquanto o Extremo Oriente e Europa dão preferência a partes do frango.

A maior empresa frigorífica mundial, que é estadunidense passou a utilizar a plataforma brasileira de exportações, no Paraná para escapar da gripe aviária e valer-se da etiqueta de indústria brasileira. Como se vê, a vinda de empresas estrangeiras para o Brasil percorre caminhos por vezes inusitados.

Ressalte-se que a lucratividade maior no negócio do frango, repousa em alguns elos da cadeia produtiva sob férreos monopólios da produção de conhecimentos e tecnologias aplicadas à genética de pintainhos, à produção de vacinas e rações. Significa que a criação, industrialização e comercialização de frango, além dessa dispendiosa dependência, ficam sujeitos aos “humores do mercado”, o que reduz muito o poder de negociação do preço do produto. Como se nota, é uma indústria refém do grande capital e do mercado externo.

Como produtor de frango industrializado, o país fica atrás apenas da China e Estados Unidos, países cujas produções estão mais voltadas para o mercado interno. Embora o país consuma mais carne de frango do que exporta, exporta mais do que esses países.

Ser o maior exportador de frango industrializado é um trunfo discutível, na medida em que a exportação é determinada por interesses bilaterais nem sempre visíveis, pesando vários fatores, entre os quais o valor agregado do que se exporta no caso produto quase “*in natura*”, ou seja, de trabalho desqualificado realizado em condições de trabalho deploráveis e desmedidos danos ambientais. O refugo por esse tipo de indústria e o valor do que produz mostram quão é desfavorável a divisão internacional da produção e do trabalho.

Ao contrário do que fazem os EUA e China que privilegiam o consumo interno de carnes de aves, o Brasil dá ênfase à exportação. Embora o consumo da carne de frango pela população brasileira venha aumentando nos últimos anos, estima-se que no momento, ele corresponde a um quarto do seu potencial. Portanto, a questão do mercado de carne não é tão só de poder de consumo presente, mas de consumo futuro que está relacionado, também a necessidades de proteínas das populações em expansão nos diversos países do globo.

Entre 2005 e 2030, o incremento da população mundial está estimado em 26%,; ou seja, e, deve passar dos atuais 6,6 bilhões para 8,13 bilhões de pessoas, 5,6% nos países industrializados e 31,8% nos demais. Nos países da África e Ásia a população aumentará muito acima da estimativa mundial, passando de 26% para 66%. Na América Latina espera-se que a população cresça 5,6% no período, enquanto na Europa diminuirá 11,6%. A estimativa é que em 2030, 86% da população mundial estejam vivendo na Ásia, África e América Latina⁸.

Em 1961, o PIB mundial anual *per capita*, era de US\$ 2.676 e de consumo de carne 23 kg. Em 2001 foram, respectivamente, para US\$5.611 e 38 kg. Em 2030 deverão ir, respectivamente para de US\$7. 600 e 45 kg. Certamente a tendência é que PIB e consumo de carne aumentem mais na China, EUA e Brasil⁹.

Portanto, há urgente necessidade de proteínas animais e os países com grandes populações, grandes necessidades de consumir carne e grande extensão territorial, como os três vão brigar para manter seus mercados internos, ampliá-los e disputar os externos. É bom que não transformem a guerra por mercado de frango em guerra de fato em um planeta pequeno que passa por grandes e ruins mudanças ambientais, de clima, morbidade e acidentalidade que têm tudo a ver com a usura do capital e do empresariado de indústrias, cujo aumento da produção e produtividade, como o de frango, tem, sob todos os sentidos, sido extremamente predatório.

Dentro dessas perspectivas, em 2020, 47% da carne de frango serão produzidas na Ásia e Oceania, 18% na América do Norte, 16% na América Latina, 13% nos 25 países da atual União Européia e apenas 6% na África¹⁰. A tendência é que a produção continue a crescer na Ásia e na América Latina, pois a Europa mostra clara estagnação da produção, além da produção ser pequena em relação aos países dos outros continentes em virtude da pouca disponibilidade de terra e de não apresentar espaço para despejo de dejetos. Na América do Norte a produção deverá crescer acima dos países europeus, mas aquém da media mundial. Em 2020, a América Latina já estará produzindo com folga mais carne que os países da Europa que antes eram os maiores produtores. É dentro deste contexto que o Brasil e a China ganham importância estratégica em termos de produtores e consumidores.

⁸ Disponível em <http://pt.engormix.com/MA-pecuaria-corte/artigos/perspectivas-producao-mundial-carnes-t140/p0.htm>. Acesso em 25 de Janeiro de 2012.

⁹ Disponível em <http://pt.engormix.com/MA-pecuaria-corte/artigos/perspectivas-producao-mundial-carnes-t140/p0.htm>. Acesso em 25 de Janeiro de 2012.

¹⁰ Disponível em <http://pt.engormix.com/MA-pecuaria-corte/artigos/perspectivas-producao-mundial-carnes-t140/p0.htm>. Acesso em 25 de Janeiro de 2012.

Mas o que ocorre presentemente nos países da comunidade europeia com relação à produção industrial e ao trabalho em qualquer área? Enorme crise que, como as anteriores, bate mais forte na classe que vive da venda de sua força de trabalho e repercute desfavoravelmente nas políticas sociais dos Estados e governos e os levam a promover o encolhimento de direitos políticos e sociais de quase um século em benefício do capital.

Observa-se no sistema de produção capitalista que as crises financeiras e econômicas, hoje mundiais em decorrência da monopolização, afetam muito mais a classe trabalhadora mais pobre, em todos os aspectos mais vulneráveis às crises do sistema e tendem a agravar as desigualdades sociais que são grandes e mais acentuadas nos países de desenvolvimento tardio.

Um terço da carne de frango industrializado no Brasil vai para o comércio exterior sob as formas de cortes especiais (51%) e frango inteiro. Em 2011, a Arábia Saudita, Japão e China foram os países que mais importaram frango do Brasil. Para o primeiro desses países foi o frango inteiro; para o segundo, cortes especiais e para o terceiro cortes simples (asa e pés) em pequena quantidade. A Rússia que importava frango inteiro e o Egito e a Turquia, frango em cortes, diminuíram suas importações. O Brasil ainda não se recuperou do declínio a partir de 2008 das suas exportações para os países da União Europeia (UE) e Rússia de carne bovina e de frango¹¹.

A crise financeira internacional tem invariavelmente sua origem nos países desenvolvidos que as debitam aos países exportadores, principalmente para os que mais crescem e adotaram políticas menos ortodoxas para manter o fôlego de crescimento de suas economias e evitarem absorver a crise, como China, Brasil e Indonésia. Estão aí uma das razões da desaceleração nas vendas varejistas no Brasil, os pedidos menores dos países importadores de carne de frango, os esforços do governo chinês para elevar as ações de seus grandes bancos que demonstram atrelagem das economias em desenvolvimento à dos países desenvolvidos que provocam pressões e tensões sobre os demais.

Por isto, os novos mercados consumidores do frango brasileiro são os países do Oriente médio. A exportação de frango inteiro, sem valor agregado, ocorre em maior quantidade para este novo mercado, em função de seu alto poder de compra proveniente da exportação de petróleo e gás. Já para os países da África, com menor poder aquisitivo, as exportações chegaram, apenas, a 495,3 mil toneladas. A União Europeia, até então a terceira importadora de carne de frango brasileira, importou, 7,2% a menos que 2009. Porém, a queda

¹¹ ABEF

do poder de consumo dos países industrializados e a incerteza de sua recuperação forçaram a diminuição da demanda. Ainda assim, o embarque de 3,819 milhões de toneladas em 2010 representou um aumento de 5,1% em relação a 2009, recorde histórico de exportação do frango industrializado no Brasil graças, porém, aos países do Oriente Médio, Ásia e África, conforme relatório da ABEF.

Após entrar nos mercados da China, Índia e Argélia, abertos recentemente, a indústria brasileira de frango passou a mirar a Indonésia, Malásia e México, países populosos, com grandes perspectivas de aumento de consumo. Hipoteticamente, se cada chinês passasse a comprar um quilo de carne de frango do Brasil, seriam necessários 1,4 bilhão de quilos que equivalem a dois meses da produção brasileira. Entretanto, é preciso conciliar a necessidade de produzir com a possibilidade de consumir.

À propósito, comparações e estimativas têm sido feitas entre os três maiores produtores de frango industrializado. Há dez anos a China produzia três milhões de toneladas a mais que o Brasil. Em 2012, pela previsão do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) a diferença cairá para 200 mil toneladas, aquele país produzindo 13,8 milhões e o Brasil, 13,6 milhões de toneladas. O mesmo departamento anotou que a produção norte americana de dez anos atrás (14 milhões de toneladas) era mais do dobro da brasileira (6,5 milhões) e em 2012 passará a ser de 17 milhões, ou seja, serão 1,2 % maior, de acordo com relatório da ABEF.

O crescimento da economia e o nível de emprego são variáveis importantes para avaliar os impactos na demanda mundial por carne de frango. Demanda menor e quedas da oferta de emprego e da remuneração do trabalho afetam a produção, exportação, importação e comércio de carne. O Brasil que exporta basicamente matéria prima alimentícia e importa mais produtos manufaturados, é candidato a frear o consumo de carne pelas camadas mais pobres da sua população que começa a sair da linha de carências desse tipo.

A longo prazo crê-se que a crise capitalista da Europa e Estados Unidos não afetem consideravelmente a economia brasileira nas suas exportações de *commodities* pelo fato de que, desde 2005, esse tipo de alimento pesar pouco na pauta das importações desses países por terem pouca tecnologia agregada e trabalho de baixo custo. Por outro lado, o número de consumidores de proteínas animais tende a aumentar; em parte pelo crescimento vegetativo da população mundial que cresce muito mais nos países menos industrializados, onde o controle autônomo da natalidade tem mantido o tamanho de suas populações estável e, em alguns, diminuído.

Apesar do crescimento da população mundial, ele ainda é menor que a velocidade de crescimento de carne que deverá induzir ao aumento de 40% da produção de frango industrializado em 2030. Isso se o planeta, que passa por grandes transformações climáticas e ambientais, aguentar e os trabalhadores continuarem a pagar o preço da acidentalidade crescente do trabalho.

A exploração desmedida da força de trabalho no Brasil, uma das razões da competitividade do seu frango exportado, motivou uma política impositiva de barreiras comerciais e alfandegárias com a ameaça da volta de subsídios aos produtores locais. Porém, o comportamento agressivo da indústria do frango no comércio exterior brasileira apóia-se, também, na facilidade de acesso a terra e água para produzir grãos que entram na composição da ração dos animais e conta com financiamento público.

Os dados sobre a economia dos países da zona do euro (os 16 países que adotam a moeda única na União Europeia, divulgados pela Agência Europeia de Estatísticas (EUROSTAT) mostram que a economia daquela zona teve contração de 2,5% no primeiro trimestre de 2009 em comparação com o quarto trimestre de 2008 (EUROSTAT, junho 2009). A crise, que afeta mais severamente os sete países mais ricos (G-7), chegou com intensidade diferente ao Brasil, Rússia, Índia e a China (BRIC), as quatro maiores economias emergentes.

Ora, o crescimento da economia e o nível de emprego são importantes variáveis para estimar os impactos na demanda mundial por carne de frango. Havendo demanda menor, somada a uma queda acentuada no nível de emprego, o comércio mundial se ressentirá. O Brasil, exportando basicamente matéria prima alimentícia e importando produtos manufaturados, é candidato a sofrer forte impacto econômico o que começa a se fazer sentir na redução do consumo das famílias.

Os dados de comércio exterior são os primeiros a registrar desaceleração da economia. A atividade comercial na China cresce em ritmo lento com as exportações para a União Européia, hoje seu maior parceiro comercial, que por sua vez desacelerou a importação de produtos. Um sinal preocupante para outros mercados emergentes da América Latina e da África que fornecem as commodities que dão suporte à forte indústria chinesa.

A União Européia tenta manter as benfeitorias sociais - conquistas do pós guerra - em meio a políticas de cortes de gastos e, por conseguinte, do consumo. Cria seguro desemprego em vez de gerar empregos e mantém uma série de benefícios devido à pressão popular. Entretanto, não aumenta o salário dos trabalhadores, o que resulta em diminuição do consumo. Isto vem acontecendo desde 2007 quando a crise econômica dos países europeus

começou na Irlanda e vem alcançando níveis alarmantes em outros países da comunidade em 2012.

Em relação à importação da carne de frango brasileira, os países da comunidade europeia que eram seu terceiro importador passou a quarto lugar sinalizando a diminuição da demanda internacional do produto. Em 2010 foram 508 mil toneladas, uma queda de 5,8% em relação a 2008. A crise se expandiu para todo o sistema capitalista e houve desabastecimento devido à queda vertiginosa de preços.

1.4 A expansão territorial e da influência política das indústrias de frango

Santos (2000), na análise sobre o que seja território, entende que este vai muito além do espaço geográfico, do lugar ou do povoado. Ele o estende às relações sociais dos que vivem nele e dele e onde as atividades econômicas e sociais se efetivam ou não. Assim considera dever-se observar as múltiplas forças que o transforma. Para aquele autor, o território é como o conjunto de sistemas naturais mais os acréscimos históricos materiais impostos pelo homem. Ele seria formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, e mais o seu uso, ou, em outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e de política.

Raffestin (1993) esclarece que o espaço é anterior ao território e que o território se forma a partir do espaço, sendo o resultado de uma ação conduzida por um ator e que ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço. Foi o que fez a indústria de frango: instalou-se em áreas perimetrais de pequenas cidades do interior, próximas aos leitos de rios, cujas águas servem para suprir necessidades da produção e despejar restos orgânicos e detritos químicos que os transformam em rios fétidos e mortos. Cidades que cresceram ao seu redor possibilitaram outras atividades econômicas, principalmente comerciais. A indústria alongou seus braços para ter sob controle exclusivo e rígido os criatórios de frango para abastecer-se com regularidade. Com a extensão de seu território detém nas mãos a quase totalidade da força de trabalho onde se instala.

Sem manter qualquer vínculo empregatício, os criadores de pintainhos e seus familiares, classificados pelos industriais do frango como “*produtores integrados*”, constituem um dos elos externos da sua cadeia produtiva responsável, segundo afirmam, por gerar três milhões de postos de trabalho. Tal gigantismo econômico, territorial e social explica o exercício não público do poder político sobre as instituições de representação pública, como

os governos de municípios, estados e da República. Não escapam de sua influência os sindicatos de trabalhadores que raramente os representam.

Da década de 90 para cá, em processo de expansão territorial acelerado, unidades dessas empresas passaram a se instalar cada vez mais distantes das metrópoles e grandes cidades, em parte pelo odor forte emanado da produção e pela redução dos espaços urbanos. Para baratear a produção, transporte e preços escolheram eixos rodoviários a uma distância máxima de 50 km dos seus criatórios.

Segundo Belik (1998), essa integração territorial e a flexibilização das relações contratuais de trabalho têm ganhos em escala: agiliza a entrega e abate dos frangos nos prazos contratuais e facilita fusões, compras, acordos e parcerias, vale dizer, a monopolização da atividade, a concentração do capital e sua transformação em capital financeiro.

Afirma Santos (2000) que:

“(...) Com a globalização, o território fica ainda mais importante, ainda que uma propaganda insidiosa teime em declarar que as fronteiras entre Estados já não funcionam e que tudo, ou quase tudo, se desterritorializa. Na verdade, se o mundo tornou possível, com as técnicas contemporâneas, multiplicar a produtividade, somente o faz porque os lugares, conhecidos em sua realidade material e política, distinguem-se exatamente pela sua diferente capacidade de oferecer às empresas uma produtividade maior ou menor. É como se o chão, por meio das técnicas e das decisões políticas que incorpora, constituísse um verdadeiro depósito de fluxos de mais-valia, transferindo valor às firmas nele sediadas. A produtividade e a competitividade deixam de ser definidas, apenas, à estrutura interna de cada corporação e passam, também, a ser um atributo dos lugares. E cada lugar entra na contabilidade das empresas com diferente valor. A guerra fiscal é, na verdade, uma guerra global entre lugares. Por isso, as maiores empresas elegem, em cada país, os pontos de seu interesse, exigindo, para que funcionem ainda melhor, o equipamento local e regional adequado e o aperfeiçoamento de suas ligações mediante elos materiais e informacionais modernos. Isso quanto às condições técnicas. Mas é também necessária uma adaptação política, mediante a adoção de normas e aportes financeiros, fiscais, trabalhistas etc. É a partir dessas alavancas que os lugares lutam entre si para atrair novos investimentos, os quais, entretanto, obedecem a lógicas globais que impõem aos lugares e países uma nova medida do valor, planetária e implacável. Tal uso preferencial do território por empresas globais acaba desvalorizando não apenas as áreas que ficam de fora do processo, mas também as demais empresas, excluídas das mesmas preferências (...)”(SANTOS, 2000, p. 79-116).

Social e politicamente, o confinamento dos pintainhos para atingir a condição de frangos é, também, o confinamento do criador e dos seus familiares, num processo de

apossamento único, externamente controlado e mensurado pela empresa¹². O que leva a criar o frango e, presume-se, ajudar a criar as famílias dos criadores traz a morte em vida para próximo de si, pois as isola espacial e as faz por inteiro economicamente dependente. São anúncios de sucessivos de sepultamento: virtual para os criadores e familiares, real para os frangos e sentido subjetiva e objetivamente pelos operários dessa indústria.

1.5 A saúde dos trabalhadores na industrialização de frango: vulnerabilidade¹³ e morbidez

A saúde dos trabalhadores e as condições do ambiente de trabalho nesse setor da indústria continuam sendo ocultadas pela prática dos Serviços Especializados de Segurança e Medicina do Trabalho (SESMEs). Atribui-se a eles a função de tutelar a saúde dos trabalhadores associado com a produtividade e o lucro, o que os leva a manipular e ocultar as condições do ambiente de trabalho, resultados de exames, demitir pessoas doentes, negar admissão e autonomia aos seus profissionais, não comunicação de acidentes de trabalho, o que ocasiona descrédito de tais serviços junto aos trabalhadores. Diga-se de passagem que os sindicatos de trabalhadores nem chegam perto das informações contidas nessa caixa preta. A estratégica tarefa de controlar os riscos ambientais e danos à saúde dos trabalhadores dentro e fora dos locais de trabalho (BERLINGER, 1983) pelos Ministérios do Trabalho e Emprego e da Saúde respectivamente, não são realizados.

Berlinger (1983) chama atenção para os processos de trabalho, afirmando que:

“(...) a subtração de anos de vida, a alteração do intercâmbio homem-natureza, a degradação corporal que se verificam no trabalho industrial não são fenômenos particulares da fábrica capitalista: são hoje fenômenos gerais da sociedade capitalista que têm nas fábricas origem, máxima frequência e maior intensidade, mas que refletem de maneira crescente em todos os homens e também na totalidade da biosfera (...)” (BERLINGER, 1983, p.17).

Ribeiro (2009) acrescenta:

“...existem mais interesses econômicos, dogmas e equívocos pouco inocentes que preocupação com conhecimentos genuínos sobre o envolvimento do trabalho na causalidade das doenças. Na medida em que o

¹² O pagamento varia de acordo com a seguinte equação $IEE=(PM \times S \times 100) / (I \times CA)$, onde IEE= índice de eficiência europeu; PM= peso médio das aves; I= idade das aves; S= índice de sobrevivência das aves. De acordo com reportagem da Gazeta do Povo (04/12/2007) “os produtores integrados não sabem informar nada sobre o pagamento”.

¹³ Diz-se da facilidade do ponto ou atividade que o trabalhador pode ser atacado (por doenças não visíveis) ou ferido (doenças visíveis).

capitalismo comercial e, depois, o industrial cruzaram fronteiras e mares, foram deixando para trás um número cada vez maior e mais frequente de acidentes e doenças do trabalho típicas e atípicas, que se tornaram ocorrências banais e motivos de estatísticas sigilosas de empresas, da previdência social e das seguradoras privadas” (RIBEIRO, 2009, p.56).

A vulnerabilidade, a morbidade e a mortalidade na classe trabalhadora são estruturais, própria de cada ciclo do sistema capitalista e do regime de assalariamento. Ramazzini (2000), pioneiro no estudo sobre as *Doenças dos trabalhadores*, livro que escreveu em 1700, conhecia as assimetrias das relações de poder de classe e sociais do trabalho, vendo-a como a segunda causa das doenças do trabalho, Escreveu:

“O múltiplo e variado campo semeado de doenças para aqueles que necessitam ganhar salário e, portanto, terão de sofrer males terríveis em consequência do ofício que exercem, prolifera segundo creio, devido a duas causas principais: a primeira, e a mais importante, é a natureza nociva da substância manipulada que pode produzir doenças especiais pelas exalações danosas e poeiras irritantes que afetam o organismo humano; a segunda é a violência que se faz à estrutura natural da máquina vital com posições forçadas e inadequadas do corpo, o que, pouco a pouco, pode produzir grave enfermidade” (RAMAZZINI, 1999, p. 25).

Gil (1999) referindo-se ao método de pesquisa aduz que a descrição se aproxima da explicação dos fenômenos sociais na busca de seus determinantes ou contribuintes; Vergara (2000) complementa ser a vulnerabilidade das populações que permite estabelecer relações de causalidade coletiva das doenças.

A descrição que se segue tem por base a experiência do candidato a doutor como médico do trabalho de uma unidade de uma das maiores indústrias do ramo e de inspeções que fez como perito da Previdência Social. Ele não afirma que as muitas unidades e empresas espalhadas Brasil afora são iguais, mas que todas têm o mesmo padrão tecnológico, baseado na automação eletromecânica, onde a microeletrônica foi incorporada tão somente no controle da produção e da produtividade dos trabalhadores.

Uma unidade que processe 300 mil frangos em 24 horas diárias de segunda a sábado, requer uma força de trabalho de seis mil trabalhadores com jornadas em geral de 10 horas diárias, ou seja, 21 milhões de horas ano. O trabalho no frigorífico torna o trabalhador um instrumento da produção, da qual como simples componente, ele pode ser descartado assim que perde ou cai sua produtividade. Alerta-se que já existe tecnologia de automação microeletrônica em todo processo dessa atividade industrial em empresas dos EUA.

No Brasil, tanto a automação quanto o gerenciamento, obedecem aos padrões tayloristas do início do século passado e em função do maquinário, dos meios e ferramentas individuais de trabalho e da sua matéria prima (frangos) manipulada em todas as fases do processo produtivo. A acidentalidade tem também um padrão caracterizado pela frequência de

acidentes perfuro-cortantes, de baixa gravidade, que atingem as partes mais expostas do corpo: rosto, olhos e mãos. Completa a tipicidade acidentária, uma morbidez não tão típica por *LER* ou atípica por transtornos mentais, associada que é ao objeto de trabalho: a morte, evisceração e esquartejamento do frango, a frieza de sua execução onde entram a temperatura, a brancura das paredes, teto e bancas e a cobrança calculista da gerência que explicam a elevada rotatividade e absenteísmo.

O processo de produção do trabalho frigorífico tem uma parte séptica, aberta e uma supostamente asséptica, fechada e frigorificada. As aves são transportadas por caminhões em fluxo contínuo nas 24 horas, em gaiolas de plástico. O tempo de recepção e desinfecção desses caminhões tem que ser curto. Nessa etapa o trabalhador fica vulnerável a poeiras, umidade, sujidade, odor de fezes e penas que impregnam à pele e se mantém. Todo esse trabalho é controlado e ritmado eletronicamente.

A materialidade da produção é dada por uma plataforma de recepção das aves, acoplado a um trilho suspenso de aço inoxidável com ganchos (nórias) onde são penduradas ainda vivas, aturdidadas em tanques de imersão logo em seguida com choque elétrico de baixa voltagem (70V) na cabeça e abatidas por seccionamento dos vasos sanguíneos cervicais (artérias e veias). A sangria pode ser realizada manualmente com um estilete ou através de equipamento similar anexado à nória de transporte. A execução pelo trabalhador dessa tarefa se dá na posição de pé, com rotação lateral do tronco para os lados direito e esquerdo, movimentos de flexão e extensão da coluna vertebral, de membros superiores e abdução e adução de articulação do ombro que dão origem a dores lombares, articulares e das articulações, músculos, tendões e sinóvias dos membros superiores. É um trabalho forçado e repetitivo que envolve principalmente os membros superiores. Para Defani (2007), apenas metade dos trabalhadores dessas operações têm porte e força muscular compatíveis com essas tarefas. Para tal a empresa exige que estejam na faixa etária de 19 a 24 anos.

Eles devem ser capazes de colocar, em média, 25 a 30 aves por minuto, na nória transportadora, que equivalem a 1500-1800 aves por hora, número que pode aumentar em função da necessidade contratual. Armstrong et al. (1993) chamam a atenção para os traumas cumulativos dos membros superiores determinado pelo esforço contínuo, agravado pelo trabalho deprimente. Os acidentes típicos mais nessa seção são oculares e da face por corpos estranhos e as doenças respiratórias, principalmente de natureza alérgica.

Não obstante, trabalhadores de outros setores do frigorífico pedem para ser transferidos para o setor de recepção por se tratar de um lugar aberto, naturalmente iluminado,

que permite perceber o passar do dia, conversar e ver outras pessoas. Enfim, o trabalho nesse setor transmite calor e luz e dar a sensação de mais liberdade e vida. .

Num dia de trabalho considerado normal cada trabalhador sacrifica em média 130 a 190 frangos por minuto, podendo aumentar conforme demanda contratual. Não é ocasional muitos trabalhadores recusarem a comer frango e passarem a apresentar sintomas de sofrimento mental e osteomusculoligamentar (HITO, 2007).

Após percorrerem o túnel de sangria, levadas pela nória, as aves são escaldadas em tanque sob temperatura de 58°C a 60°C. Depois, passam pela depenagem mecânica e, em seguida, outra de correção manual, a qual exige força e bom desempenho muscular. Nessa função são comuns as queixas de dores nas articulações de membros superiores, ombros, região cervical, cotovelos e punhos. Aí a posição de trabalho é estática, com sobrecarga de peso sobre as articulações dos joelhos e da coluna vertebral, em ambiente ruidoso, úmido e de temperatura elevada que suscita queixas de perda auditiva, fraqueza, dor muscular, câibras e cansaço. As alterações calóricas e as perdas hídricas são grandes e eventuais os sintomas psiquiátricos. Ocorrem também pequenas e médias queimaduras de membros superiores.

O processo de evisceração em geral é realizado manualmente. A carcaça é resfriada a 6°C para evitar contaminação. Por esse motivo, a climatização das plantas frigoríficas deve ficar entre 6 e 10°C, o que leva a exposição dos trabalhadores ao frio e contaminação bacteriana. A rigidez dos produtos frigorificados implica no uso de maior força física e de facas afiadas, o que contribui para o aumento de doenças e acidentes. Malchaire (1995) relata que a combinação de uso de luvas, ambientes frios, postura forçada e repetitividade de movimentos está associada ao aparecimento da síndrome do túnel do carpo.

O processo segue na sala de corte¹⁴. Esta é fechada, inteiramente branca e intensamente iluminada, impedindo a noção de dia e noite. É uma sala fria, úmida, ruidosa e fétida. São milhares de carcaças que desfilam todos os dias ao nível dos olhos e entre as mesas inoxidáveis de trabalho ao som das carretilhas das nórias, exaustores e tilintar de instrumentos cortantes. Um ambiente e orquestra lúgubres.

A posição do trabalhador é permanentemente estática e ortostática e os movimentos sempre repetitivos, prevalecendo os de rotação de coluna vertebral, tronco e membros superiores, em “bairas” de um metro de distância entre eles. Silverstein (1984) e Armstrong

¹⁴ Setor de retirada de coxa e sobrecoxa, cada trabalhador manuseia 07 peças por minuto, sendo que para a completa execução do serviço, neste 01 minuto de trabalho, são efetuados 65 cortes com faca, mais outros movimentos simultâneos.

(1993) relatam que os instrumentos de trabalho em frigorífico, especialmente o manuseio de facas contribuem para fadiga e LER.

Posteriormente, as aves sofrem rápido resfriamento à 4°C e são transportadas pelas nórias para ambiente com temperatura mantida baixa onde seguem suspensas por túneis e esteiras e passam por uma série de procedimentos de corte com facas, alicates e evacuadores da cloaca. Após a realização dos cortes primários, isto é, de separação da asa, coxa, sobrecoxa, peito e carcaça, iniciam-se os cortes refinados de peças segundo o portfólio determinado da empresa, que exigem proximidade física, força, agilidade e destreza, daí o predomínio daqueles tipos de acidentes.

Em 2005, na empresa em que o Autor trabalhava e onde havia uma população de 3405 trabalhadores ocorreram 425 acidentes, com taxa de acidentalidade de 12,5%, média mensal de 35 acidentes e 01 por dia. Quais as causas objetivas dessa frequência? Movimentos repetitivos das mãos e braços, mais de força que leves, a necessidade de “pegada” firme do instrumento de trabalho, as facas que nem sempre afiadas vibrações do eviscerador e arrancador da pele, ritmo acelerado e cadenciado aliados à sobrecarga e alongamento da jornada, de hábito com duração de dez horas, associados à baixa temperatura e ao ruído. São causas imediatas de acidentes típicos e de doenças não tão típicas como os transtornos e lesões do sistema ósseo-muscular e dos tendões (LER), amplamente relatados em pesquisas, autuações e termos de ajustamento de conduta determinadas pelo Ministério Público do Trabalho por acidentes e doenças típicas e atípicas, como os transtornos mentais.

Pesam nas variações da prevalência e incidência dos transtornos temporários ou permanentes daquele sistema e do aparelho mental, a pressão de novas encomendas pelo mercado, o enrijecimento do controle do trabalho e o aceno da “*participação nos lucros da empresa*” que joga grupo de trabalhadores mais “produtivos” contra os taxados menos “produtivos”. Ao cobrar metas, as chefias tratam os funcionários de maneira ofensiva para instaurar o medo no ambiente de trabalho e, esse medo cumpre papel importante para mantê-los entregues na linha de produção.

Juntem-se o desconto no salário do tempo destinado as refeições, as necessidades fisiológicas, aos exercícios de aquecimento e muda de roupa e se tem a medida do controle da produtividade, apoiado em programa microeletrônico. Chama-se, também, atenção para o fato das escalas de trabalho serem compostas por um número fixo de trabalhadores igual ao de postos de trabalho; assim, as eventuais ausências são compensadas pelo aumento do ritmo da circulação de frangos e redistribuição das tarefas entre os trabalhadores presentes.

Virtualmente preso ao posto de trabalho, a uma temperatura muito mais baixa que a do exterior, submetido a um ruído acima de 85 decibéis, em ambiente úmido e molhado, respirando odor nauseabundo de vísceras misturadas com sangue e penas que impregnam pele e mucosas, impossibilitado de conversar, vendo passar um frango morto seguido ininterruptamente de outros, exposto a intensa iluminação artificial, nas paredes, teto, chão e bancadas de aço inoxidável, obrigado a despojar-se do relógio, o trabalhador perde a noção de dia e noite e vida exterior. É quase um robô.

Um robô que tenha a altura e compleição que tiver é obrigado a manter a mesma postura e realizar os mesmos movimentos padronizados para o cumprimento das mesmas tarefas repetidas e cadenciadas, cujo preço de pensar em outra coisa pode lhe custar um olho ou dedo. Como bom brasileiro, quando de estatura baixa, ajeita-se sobre estrados e caixas para cortar ou eviscerar o frango congelado; sabe que a imperfeição na execução das tarefas é controlada individualmente. Como não se acidentar e adoecer diante desse trabalho? Adianta luvas de aço e outros EPI's face a uma morbidez tão diversificada e permanentemente alienante?

Nas atividades de cortes temperados, as patologias são de ordem respiratória, em função dos temperos voláteis - em especial a pimenta - ocasionando crises de mal estar respiratório como asma, rinite além de irritações da pele. Nas de embalagem, os frangos são colocados em caixas de papelão interfolhadas com plástico de polietileno que após congelamento são plastificadas e encaminhadas para a câmara de estocagem, onde permanecem, a uma temperatura de -18°C até a hora do embarque.

Na secção de montagem e embalagem, o trabalho é executado predominantemente por mulheres, para onde são encaminhados os trabalhadores em reabilitação ou readaptação, Na secção é incomum a presença de trabalhadores do gênero masculino, exceto em cargo de chefia, justamente onde mais ocorre assédio sexual.

Predominantemente a divisão do trabalho por gênero se dá conforme a força muscular demandada. As tarefas de recepção abate e embalagem são exclusivamente destinadas aos homens e as de depenagem, evisceração e montagem de embalagens as mulheres. Nas tarefas de espostejamento e cortes de frango não há divisão por gênero.

O setor de expedição exige trabalho ininterrupto sob temperatura abaixo de zero grau, em geral entre 18 e 30 graus negativos, necessidade de força bruta e altura mínima. Em geral, os trabalhadores são homens. Não sem motivo, as queixas são predominantemente dos sistemas osteomusculoligamentar e respiratório.

CAPÍTULO II

EVIDÊNCIAS, CONFLUÊNCIAS E CONEXÕES

Sem demérito dos autores que leu e não citou porque a eles não se reportou, este autor incluiu nas referências bibliográficas de sua tese, somente aqueles cujos textos diziam de perto à sua linha argumentativa e tinham a ver, ao final, com a causalidade da acidentalidade no ramo de indústria investigada e sua experiência como médico do trabalho em uma de suas unidades e perito médico da previdência social.

Despreocupou-se, propositadamente, em mostrar uma erudição que não tem, para inclinar-se sobre as evidências que colheu, estimulado por sua experiência profissional. O objetivo central desta tese foi demonstrar que a acidentalidade do trabalho na industrialização de frango vai além das ocorrências conhecidas ou comunicadas oficialmente e de uma sonegação culposa ou dolosa dos empresários do ramo que, de fato, existe¹⁵. Porém, sustenta que a causalidade, os acidentes comunicados ou não e sua ocultação são manifestações da violência estrutural e conjuntural de relações sociais assimétricas no trabalho e fora dele. A determinação é social, de classe, não anômica, resultante do desequilíbrio do poder no capitalismo pós-revolução industrial entre a classe que vende força de trabalho e a que a compra.

Para inferir tal determinação empírica recorreu à metodologia histórica, materialista e dialética, louvando-se nos autores que cita nas referências bibliográficas que faz, principalmente naqueles que tomam as relações sociais do trabalho como categoria analítica das sociedades no capitalismo industrial. A inspiração maior está em Marx (1987), especialmente nas análises que faz em “O Capital”, fonte comum de inspiração dos que fazem a crítica ao poder de classe que assaltou o Estado Moderno. Foi a partir daí que aduziu as evidências ou dados que passa a comentar.

Entre 2000 e 2010, das 2414 comunicações de acidentes e doenças do trabalho feitas pelas empresas de abate de frango ao INSS, 2223 (92%) foram por acidentes perfuro -

¹⁵ “... A procuradoria do Trabalho de Alta Floresta (MT) reuniu relatos de acidentes de trabalho ocorridos no frigorífico Quatro Marcos que não foram comunicados corretamente à Previdência Social. "Em um período de 120 dias, apenas na unidade de Vila Rica (MT), houve afastamento de 50 trabalhadores que não foram comunicados ao INSS", conta Rafael Gomes (procurador do trabalho)..."...Os trabalhadores acidentados ou doentes eram obrigados a continuar trabalhando, segundo o procurador do MPT do Mato Grosso. "Se o funcionário se recusa a continuar, pode ser suspenso, demitido ou ter a cesta básica cortada. Em alguns setores, esses trabalhadores ganham em média pouco mais de 400 reais, e a cesta básica é muito importante. Então, ela é usada como instrumento de punição", explica". Disponível em <http://www.reporterbrasil.com.br/pacto/noticias/view/11>

cortantes, com média de 241 por ano, taxa de acidentalidade de 0,16%, 20 por mês e 0,6 por dia. Quais as razões da disparidade entre a realidade do trabalho, os números levantados por esse candidato e o número de comunicações feitas pelas unidades dessas empresas ao INSS em um decênio em todo o país?

A fiscalização do Ministério do Trabalho, os órgãos de Engenharia de Segurança e de Medicina do Trabalho e os programas comprados com esse fim pelas empresas não mudam a realidade da produção e organização do trabalho, muito menos o fazem os serviços internos e externos que cuidam dos acidentados e adoecidos do trabalho. Não mudam porque não existem para fazê-lo. E a única força social que poderia forçar as mudanças, os sindicatos dos trabalhadores, não têm expressão no setor.

Já se disse que os acidentes que ocorrem são de baixa gravidade e de baixa visibilidade que levam a incapacidade por alguns dias, raramente superior a 30. O mais comum é que o afastamento não seja formalizado e o trabalhador permaneça dentro da empresa em desvio de função.

Na aparência as três partes principais envolvidas são favorecidas por esse arranjo singular, embora de maneira e em graus diferentes: o incapacitado, o mais precisado, é o menos favorecido (se o é) por não ter atraso do pagamento do salário; a seguradora, o INSS, por não ter que pagar os dias de afastamento; porém, a parte que mais ganha com o arranjo é o empregador que, mesmo assumindo pagar os dias de trabalho fora ou dentro da empresa, escapa de pagar taxa acidentária maior ao INSS e de ser classificada como empresa de risco de acidentes, logo ela, uma empresa de alimentos.

A tabela 1, construída pelo autor com dados do MPS /SUIBE/CNAE no período de 10 anos mostra a acidentalidade oficializada pelas empresas do ramo.

Tabela 1 – Comunicações de acidentes de trabalho (CAT) feitos pelas empresas de abate e cortes de frango ao MPS/SUIBE/ CNAE- 1512 no período de 2000 a 2010; População de trabalhadores (PT); nº anual de acidentes de trabalho (NºAT); média anual de dias perdidos (MADP); taxa anual de acidentalidade anual (TAA) e Produção anual em milhões de toneladas (PAMT).

Ano	Nº trabalh. (PT)	Nº de AT	Média/dias perd.(MADP)	Tx.acidentalidade(TAA)	Ton./ano (milh.)(PAMT)
2000	54.143	32	17,68	0,05	5.976
2001	66.551	109	17,34	0,16	6.736
2002	75.194	41	56,58	0,05	7.517
2003	82.656	48	43,29	0,05	7.843
2004	103.374	144	30,99	0,13	8.494
2005	125.390	197	47,14	0,15	9.297
2006	127.588	163	47,95	0,12	9.335
2007	145.531	257	55,42	0,17	10.246
2008	233.012	519	53,43	0,22	10.940
2009	232.583	524	48,62	0,22	10.980
2010	242.297	380	47,1	0,15	12.230
Total	1.490.319	2414	42,32	0,16	99.594

Fonte: SUIBE – CAT - Banco Novo (MPS, 2010); CAGED (MTE, 2011)

No período, a população de trabalhadores dessa indústria foi de 54.143 (2000) para 242.292 (2010), um incremento de cinco vezes. O número de acidentes de trabalho foi de 32 para 380, um incremento de quatro vezes e o total no decênio foi de 2414. A média dos dias perdidos cresceu de 18 para 47 dias, um aumento de três vezes e o total de dias perdidos ficou em 42,32. A taxa anual de acidentalidade cresceu bastante mas permaneceu muito baixa nesse dez anos (0,16).

A tonelada de produção de frango industrializado que foi de seis milhões em 2000 e foi para 12 milhões em 2010 (incremento de duas vezes) não guardou equivalência com o aumento do número de trabalhadores registrados que cresceu cinco vezes. Por isso, a produtividade de cada trabalhador no período foi lá para baixo, caindo de 0,10 toneladas para 0,04 toneladas.

Os dados mais manipuláveis da tabela são os relativos aos acidentes, taxas de acidentalidade e dias parados que estão sob controle exclusivo das empresas. Já os dos

trabalhadores registrados em carteira do trabalho e toneladas de carne produzida são mais fidedignos por se submeterem ao controle do Estado.

Ora, nas atividades industriais onde ocorrem incorporações de inovações tecnológicas, ontem como hoje, resultam na presença menor do número de trabalhadores e maior produtividade dos remanescentes; ou seja, a incorporação tecnológica significa substituição de trabalho vivo pelo trabalho maquinal que é o que aumenta a produção e força a produtividade. Exemplos elucidativos são a indústria automobilística e os serviços bancários. Nesse caso, o resultado foi a redução dos acidentes de trabalho típicos; caíram em termos absolutos devido à diminuição dos trabalhadores na linha de produção e caíram em termos relativos pelo distanciamento dos seus corpos dos processos quando industriais. Em conseqüência caiu a taxa de acidentalidade. Vide a queda dos números absolutos e taxas dos acidentes trabalho típicos ocorridos no Brasil entre 1976 e 2011.

Nada disso aconteceu nesses dez anos na indústria de abete e corte de frangos nesses dez anos. Por quê?

As empresas do ramo quando investiram em inovações tecnológicas foi tão só para registrar o volume de produção e o controle mais rígido do trabalho. Quanto ao maquinário permaneceu com a mesma tecnologia eletromecânica de produção de antes. Não por inexistirem inovações de automação de base microeletrônica, mas por ser mais econômico permanecer com a automação eletromecânica disponível combinando-a com a força muscular bruta farta e barata.

Para baratear ainda mais a produção melhor ativeram-se ao seu projeto de crescimento a ocupação de novos territórios, verticalização da cadeia produtiva e monopolização do ramo, deixando permanentemente na mesa a ameaça de incorporação de automação microeletrônica, já existente no mercado, como instrumento de intimidação dos trabalhadores.

São políticas arquitetadas pelo capital que conduzem a uma constante degradação do de um trabalho já em si desqualificado e mal remunerado, cuja expropriação da força de trabalho é intensiva e extensiva.

Trata-se de uma força de trabalho jovem, não politizada, originária de áreas rurais, com baixa escolaridade, metade da qual tem nessa ocupação seu primeiro emprego. Não é de admirar a rotatividade alta de 17% nos últimos dez anos (CAGED, 2011).

Apesar do crescimento do número de unidades e ocupação de novos territórios, essas indústrias funcionam 24 horas por dia, de segunda a sábado em jornadas de trabalho extenuantes, em geral de 10 horas. É provável que o crescimento da acidentalidade e elevação

de dias de trabalho perdidos, intimamente associados com provável aumento de sua gravidade, tenha por base a natureza desse trabalho, a intensidade e extensão da jornada.

Mas por que a queda da produtividade humana no trabalho que requer força muscular bruta? A explicação é a mesma para o trabalho animal. Quanto mais carga se põe no lombo de um burro e mais tempo de trabalho se exige dele, mais lentos são seus passos, mais ele cansa, adocece e mais cedo morre.

Os trabalhadores das indústrias de abate e corte de frangos não são bestas de carga; mas seus empregadores teimam em fazê-los e tratá-los assim; então, quando os trabalhadores não se evadem, mais trabalham acidentam e adoecem. O jeito que o patronato encontrou foi não notificar, salvo quando seus problemas de saúde são mais graves e obrigam afastamentos do trabalho mais longos. Esta é a explicação do candidato ao doutorado sobre a disparidade entre os dados dos acidentes de trabalho na empresa onde trabalhava e os comunicados ao INSS.

Por que acontece a não notificação de acidentes e doenças e nada acontece aos empregadores? Por não estarem sós; seu poder extrapola a legislação e normas que o Estado estabelece. O poder é de classe e se exerce também sobre seu consorte, o Estado.

Desta forma, ficam explicados a precariedade das condições de trabalho, os baixos salários, as jornadas alongadas e à ausência de poder contestatório de classe. Acrescenta-se que esta representação sindical sofreu notável declínio nas duas últimas décadas em todo o mundo industrializado e que no Brasil nesse ramo quase nunca existiu.

Portanto, por trás do excelente desempenho econômico do ramo está o que os números sobre produção e exportação de frango industrializado não revelam: más condições materiais de trabalho; baixa remuneração da mão de obra assalariada; uso predatório das águas e da terra; deterioração do meio ambiente e ocorrência e ocultação elevada de acidentes de trabalho menores e de doenças típicas e atípicas do trabalho. Não são novidades, posto que sabidos serem resultados da dinâmica da monopolização e globalização do capital.

Contudo, valem-se as empresas do setor haver necessidade quase que imperiosa de produzir proteína animal, de forma rápida, a custo baixo e em grande quantidade. Os patronatos e os Estados da China, Brasil e Estados Unidos sabem dessa necessidade e buscam manter o controle dos seus mercados internos e avançarem no mercado externo em expansão. Tais anseios mercantis não levam em conta que o planeta passa por grandes turbulências climáticas e ambientais, algumas catastróficas, agravadas nos países de industrialização tardia e caudatária, como o Brasil, pela ainda elevada acidentalidade da classe trabalhadora em qualquer atividade econômica.

A expansão desse ramo industrial no território onde se instalam, muda o perfil da população economicamente ativa. Apesar da desqualificação do trabalho e do seu baixo valor, cada unidade produtiva registra sempre mais de um milhar de trabalhadores com carteira assinada e crédito.

Por outro lado a evasão e absentismo trazem um problema a mais: essas empresas buscam mão de obra fora de seu território, como a dos canaviais em crise. Alegam que os migrantes dos canaviais são fortes, hábeis e rápidos. Se cortam cana sob o sol escaldante 12 horas por dia serão mais úteis abatendo e cortando aves penduradas nas nórias à sombra e temperaturas baixas. A loucura de um trabalho pela loucura de outro.

Quando da qualificação desse projeto de tese, um dos examinadores estranhou a expressão sepulcral que o autor usou ao referir-se à sensação de confinamento que tem toda vez que entra numa dessas indústrias, que não têm sido poucas, nem de passagem. Sensação que continua a ter da morte em vida; não das aves abatidas e evisceradas, mas percebida nas faces dos trabalhadores, como que enterrados vivos a seis ou oito graus centígrados, sem ver a luz do sol, sem saber se é dia ou noite e o que se passa lá fora. É provável que a necessidade de escapar, os faça trabalhar mais, como se a aceleração do ritmo de trabalho fizesse o tempo passar mais rápido. É um sepulcro sim, em meio de odores de vísceras e ruídos de exaustores, equipamentos de refrigeração e tilintar dos instrumentos e peças sobre as bancadas de aço que lembram que é preciso trabalhar. Por isso o autor mantém a expressão. A morbidez é de um frio e barulhento sepulcro.

Da avicultura doméstica à produção do frango industrializado passaram-se sessenta anos; um tempo curto, porém suficiente para induzir à monopolização do setor e à opção pelo mercado externo. Não foi um percurso tranquilo, como o crescimento rápido da produção e a não notificação de acidentes e doenças do trabalho levam a supor.

Em troca do pequeno e transitório ganho para o país às custas de uma mão de obra barata que se acidenta, adocece e perde capacidade de trabalho, em ritmo quase alucinante, a preços baixos de um trabalho quase servil, benesses locais, financiamento público e tolerância excessiva de seguidos governos quanto à contaminação do meio ambiente e das águas de rios que morreram, o frango industrializado produzido “*made in Brazil*”, mas não tão brasileiro, como se imagina, de navio cruzou os mares e ganhou o mercado exterior sem que os produtores investissem em tecnologia de automação microeletrônica. A indústria de abate e corte de frango no Brasil é quase sinônima de extração de mais valia quase toda absoluta.

Contudo, embora haja descumprimento das leis, normas e contratos de trabalho, a questão da acidentalidade nesta indústria é antes de natureza política e de políticas que se

antecipem a essa acidentalidade, ainda mais difícil de ser comprovada e aceita quando se refere a doenças de causas não objetivas, como as mentais. Está longe de prevalecer a doutrina de que o criador do problema deve responsabilizar-se, não só *in pecúnia* para compensar as vítimas, mas resolvê-lo definitivamente, seja quanto aos adoecimentos coletivos, seja aos danos ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atendendo a sugestões e observações de alguns dos ilustres doutores que compuseram a banca que examinou esta tese e aprovou-a, este autor faz nessas considerações finais para elencar com maior detalhe a fundamentação teórica, metodológica e os conceitos postos, tais como o de acidentalidade.

São cumpridas, sem perder de vista a preocupação de manter a tese, propositalmente, concisa. Deve-se à cobrança metodológica anterior de concisão e clareza expositiva feita e acertada entre o autor e o co-orientador, decorrente de meses a fio de trabalho por acreditar ambos ser importante manter essas características originais, de sorte a que a tese fosse compreendida por leitores não acadêmicos, como os próprios trabalhadores e vítimas desse e de outros ramos de atividades econômicas.

Por certo algumas supostas lacunas mencionadas no transcorrer dar argüição foram contempladas em teses e artigos subscritos por alguns membros da banca, fiéis às doutrinas, métodos e instrumentos de análise que livremente escolheram.

Usando de prerrogativa análoga, este autor recorre a outra filosofia, categoria de análise e instrumentos metodológicos citados na bibliografia, módica sem dúvida, mas suficiente para sustentar a tese que o mal estar, adoecimentos e doenças no ramo da indústria pesquisada, conquanto tenham a ver, de perto, com causas objetivas que descreve com minudência, são prisioneiras de uma causalidade histórica, material e dialética complexa que põe em cheque o conceito genérico de determinação social e os conceitos mais estritos de acidentalidade, taxas de acidentes e doenças do trabalho. Acredita que isso foi suficientemente esclarecido na *Apresentação* e ao longo do *Capítulo I- metodologia* e no segundo capítulo.

A tese foi fundamentada numa metodologia já clássica, embora com poucos adeptos e com poucos antecedentes na Área de Saúde Coletiva e de saúde do trabalhador. Mas, o que seria, afinal uma tese acadêmica?

Houaiss (2001)¹⁶ define tese como sendo a *“designação comum às proposições que se sustentam em público, nas escolas superiores, em fins de curso (doutorado, livre docência)*. Diz ainda o filólogo:

“...no aristotelismo e na escolástica é proposição assumida no sentido teórico que fundamenta uma demonstração, argumentação ou um processo discursivo; no kantismo, cada uma das proposições racionais a respeito dos princípios fundamentais da realidade que, sem comprovação empírica e contraditadas por antíteses igualmente inverificáveis, originam

¹⁶ Houaiss, A e Villar, M.S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

antinomias de caráter insolúvel; no hegelianismo, o primeiro estágio do processo dialético, seguido por um antítese negativa à síntese final de ambos os termos, o que expressa logicamente as transformações contraditórias a que se submete qualquer realidade espiritual ou material...”(HOUAISS,2001).

Em nenhuma dessas definições ou enunciados filosóficos afirma-se que tese, qualquer que seja, expressa a realidade, muito menos a verdade. Nas palavras do filólogo, teses são “*arranjos de idéias*”. Nada mais que isso.

Sob o ângulo filosófico e metodológico essa tese, já foi dito, fundamenta-se na filosofia marxista que, metodologicamente, toma as relações sociais do trabalho como a principal categoria analítica das sociedades de classe. É na *acidentalidade do trabalho na indústria de abate e corte de frango* que está expressa, com mais nitidez a morbidez dessas relações. A tese não faz digressões sobre acidentes, não se preocupa em descrevê-los, em identificar agentes e particularizar situações. O que faz é alinhar histórica, material e dialeticamente o nascimento e expansão dessa indústria. Descreve sua história material e, dialeticamente, acompanha sua expansão do passado para o presente, do geral para o particular; contextualiza historicamente esse processo e estabelece confluências e conexões com a propriedade dos meios de produção e com a apropriação mais recente da ciência e tecnologia aplicadas; registra os embates dos interesses contraditórios das classes sociais e as conseqüências sobre a saúde dos trabalhadores no ramo de indústria investigada.

Qualquer que seja sua *proposição*, concorde-se ou não com seu conteúdo, forma, número de páginas, metodologia e objetivos, pretende ser uma tese aberta. Não apresenta “*resultados*” e “*conclusões*”, termos tão presentes nas teses cartesianas, ainda tão caros à academia. No caso em particular acha-os extemporâneos porque o objeto de análise é o momento histórico e econômico pelo qual passa essa indústria e como é tratada a acidentalidade que lhe corresponde. Em lugar desses termos, este autor prefere os termos *confluências e conexões* que falam mais das incertezas do sistema produtivo em um país de desenvolvimento tardio e dependente como o Brasil, das suas ambivalências e das incertezas por estarmos todos, sobretudo a classe assalariada que vende força do trabalho dentro dele e submetida a ele.

Porém, apesar de ser uma tese sobre determinação social da saúde coletiva e da classe trabalhadora, ela não é determinista, mas histórica e dialética. Sustenta a expectativa de mudanças, com base em Marx e Engels¹⁷, que dizem que “*tudo que é sólido e estável evapora-se no ar*”.

Como estudiosos, na melhor das hipóteses, produzimos idéias, professamos filosofias e ideologias, utilizamos métodos e instrumentos de aproximação da realidade. Contudo, o que captamos com nossas investigações nada tem de definitivo por serem fragmentos temporais de uma realidade fugidia, em movimento, que se esfumaça.

¹⁷ Marx, K e Engels, F. *Manifesto Comunista*, São Paulo: Centauro, 2ª ed, 2006

Existem não poucas metodologias e instrumentos investigativos dos fatos sociais presos ou não à doutrina da determinação social das doenças, arvorando-se alguns a conferir cientificidade a teses acadêmicas, como se rótulos e multiplicidade de variações e abordagens conferissem por si só valor epistemológico. Ainda que tenham não invalidam outras que se pautem pela filosofia e metodologia marxianas e pela concisão.

Na modernidade, mais presente que qualquer outro método de análise, o cartesianismo nascido no século XVII que ressurgiu das cinzas no século XIX fortalecido pela teoria microbiana e os postulados de Koch, abstrai a natureza predatória da produção industrial e das relações sociais assimétricas do trabalho e de classe que aprisionam o Estado e instituições suas, como a universidade, induzindo-os ao totalitarismo que parece ter voltado à tona.

Houaiss (2001, op. cit) define o cartesianismo como:

“a somatória de operações e disposições preestabelecidas que garantem o conhecimento, tais como a busca de evidências, o procedimento analítico, a ordenação sistematicamente do simples para o complexo e a recapitulação exaustiva da totalidade do fenômeno investigado”.

Passou a ser moda na academia inventar categorias de análise dos fenômenos sociais para negar a causalidade estrutural dos fenômenos sociais, como são os estados de saúde das populações e as doenças coletivas do trabalho. Por conseguinte, opõem-se filosófica e metodologicamente ao marxismo, segundo o qual, histórica e socialmente, inversamente ao cartesianismo *“o fato concreto aparece como manifestação específica”* (COUTINHO, 1974)¹⁸.

A despeito da recapitulação exaustiva a que se propõe este neo-cartesianismo não consegue sair da superfície dos fenômenos sociais.

Nos meios e instrumentos de produção automática movida eletromecanicamente, nas condições materiais de produção predatórias e numa organização do trabalho mal remunerado e sob rígido controle, caracterizada por longa e intensa jornada; com base na expansão territorial dessa indústria monopolizada e favorecida por isenções e financiamentos governamentais é que se deve creditar o “milagre” da produção, expansão e lucratividade desse ramo. Ele passa longe de inovações tecnológicas, como evidenciam a queda da produtividade e a acidentalidade em ascensão, embora ocultada.

Sem dúvida, a organização do trabalho nesse tipo de indústria é de inspiração taylorista-fordista. Trata-se de trabalho dividido por tarefas, repetitivo, cadenciado, hierarquizado e disciplinado que requer prontidão, destreza e força muscular. Uma das diferenças - e são muitas - são as ferramentas para manipular os animais sacrificados, no caso frango, estiletos, sacadores de vísceras e vibradores.

¹⁸ Coutinho, CN. O exemplo de Marx in Marx, K. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

Os escassos e obsoletos “*equipamentos de proteção individual*” (*EPI*) são quase que ornamentos para prevenir acidentes típicos, quase sempre perfuro - cortantes das mãos, face e olhos. Quanto à prevenção de doenças de causas não objetivas, como as *LER* e mentais, o suporte médico-social é risível. Pudera não corressem ao encontro da ocultação, diante da obrigatoriedade de horas extras, estímulos de produtividade e competitividade em grupo inaugurado por Taylor há mais de século.

Para entender a morbidez desse trabalho na linha de produção de uma empresa do gênero juntem-se na receita as pressões por mais trabalho, o tempo escasso para refeição, satisfação das necessidades fisiológicas, troca de roupa e pausas para ativar o corpo exposto ao ambiente de trabalho frio. São exigências que beiram a servidão que está por traz dos recordes de produção e exportação e da acidentalidade escondida, todavia crescente. crescente, cujos ônus são desigualmente distribuídos: o da perda da saúde e capacidade de trabalho para os que se acidentam e adoecem e os financeiros para a população contribuinte e não contribuinte do sistema previdenciário público.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho - Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- ANTUNES, Ricardo. **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos**. São Paulo: Boitempo, 1998.
- ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ARASHIRO, O. **A história da avicultura do Brasil**. São Paulo: Gessulli Editores, 1989.
- ARMSTRONG *et al.* **A conceptual model for work related neck and upper-limb musculoskeletal disorders**. Scand J Work Environ Health, USA, p.73-84, 1993.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES E EXPORTADORES DE FRANGO (ABEF). **Relatório Anual 2000/2011**. Disponível em: <<http://www.abef.com.br>>. Acesso em: 30 janeiro 2012.
- BALANÇO ANUAL GAZETA MERCANTIL. São Paulo, n. 3, setembro 1979.
- BELIK, W. **O Estado, grupos de interesse e formulação de políticas para a agropecuária brasileira**. Revista de Economia e Sociologia Rural (1979-1998), v. 36, n. 1, p.9-59, 1998. 1 CD-ROM.
- BERLINGUER, G. **A saúde nas fábricas**. São Paulo: Editora Cebes-Hucitec, 1983. p.17.
- CASTRO, A. B; SOUZA, F. E. P. **A economia brasileira em marcha forçada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- COUTINHO, C.N. O exemplo de Marx *in* Marx, K. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- DEFANI, J. C. **Avaliação do perfil antropométrico e análise dinamométrica dos trabalhadores da agroindústria do setor de frigoríficos e abatedouros: o caso da Perdigão – Carambeí**. 2007. Dissertação (Mestrado) – CEFET-PR, Ponta Grossa, Paraná, 2007.
- ESPÍNDOLA, C. J. **As agroindústrias no Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p.42.
- HITO, S.C. **Condições de trabalho e absenteísmo odontológico em uma indústria frigorífica no Brasil: uma contribuição a gestão da saúde ocupacional**. 2007. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente) – SENAC, São Paulo, 2007.
- HUNT, E. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- LANA, G. R. Q. **Avicultura**. Recife: Ed. Rural; UFRPE, 2000. 237p.

- MALCHAIRE, J. **Methodology of investigation of hot working conditions in the field.** Ergonomics, Special, issue, 38, n.1, p.73-85, 1995.
- MARTINS, S. S. **Cadeias produtivas do frango e do ovo, avanços tecnológicos e sua apropriação.** São Paulo: FGV/EASP, 1996. 115p. Tese de Doutorado.
- MARX, K. **O capital – Crítica da economia política.** São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1987.
- MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto Comunista,** São Paulo: Centauro, 2ª ed, 2006.
- MÜLLER, G. **Poder econômico e empresas líderes na cadeia agroalimentar industrial de carnes no Brasil.** São Paulo: EAESP/Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- PINOTTI, R.N; PAULILLO, L.F.O. **A estruturação da rede de empresas processadoras de aves no Estado de Santa Catarina: governança contratual e dependência de recursos.** Gest. Prod. [online], v.13, n.1, p.167-177, 2006. ISSN 0104-530X.
- PROUST, M. **Em busca do tempo perdido.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- RAFFESTIN, C. **O que é território. In:_____.** **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993. p.143-163.
- RAMAZZINI, B. **As doenças dos trabalhadores.** Edição especial. Ed.Fundacentro, 2000.
- RIBEIRO, H. P. **Os operários do direito.** Florianópolis: Lagoa, 2009.
- RIBEIRO, H. P. **O grito do silêncio: a degradação do trabalho e os estados de saúde da voz.** 2011. Inédito. No prelo.
- RIZZI, A. T. **A indústria de frangos no Brasil: constituição e transformações.** In: 3º Congresso Brasileiro de História Econômica, 4ª Conferência Internacional de Empresas, 2004. Belo Horizonte, Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.abphe.org...99/textos/ADAIR.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2009.
- SALES, M.N. **As origens da galinha doméstica e a história de sua relação com as sociedades humanas.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SILVERSTEIN, B.; FINE, L.; J.; ARMSTRONG, T. Hand wrist cumulative disorders in industry: **British Journal of Industrial Medicine,** p.779-784, 1984.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.